



“CONSELHO HIGIÊNICO”: SENSIBILIDADES E SABERES ESCOLARES EM CAMPINA GRANDE - PARAÍBA (1920-1940)

Anderson Gonçalves do Nascimento Sousa¹, Regina Coelli Gomes Nascimento²

Este relatório é resultado de pesquisas realizadas no projeto **“CONSELHO HIGIÊNICO”: SENSIBILIDADES E SABERES ESCOLARES EM CAMPINA GRANDE - PARAÍBA (1920-1940)** cuja finalidade é investigar a construção do corpo educado e disciplinado de crianças e jovens na cidade de Campina Grande – Paraíba, no período compreendido entre 1900 a 1930. A documentação selecionada no decorrer desta pesquisa consta de Leis, Decretos, Resoluções, atas, periódicos, a exemplo da Revista Evolução, Revista Era nova, Jornal o Comércio de Campina Grande e Jornal Brasil Novo. Metodologicamente embasados nos pressupostos pensados por Michel de Certeau acerca das práticas cotidianas, as histórias concebidas e vívidas foram analisadas a partir de um lugar social, buscando perceber suas sutilezas, estratégias, táticas e operações do fazer e do saber. A partir desse recorte temporal, espacial e metodológico, problematizamos como os sujeitos significaram os discursos cívicos, patrióticos e pedagógicos voltados para a disciplinarização do corpo e da mente das crianças e jovens, especialmente, no espaço escolar utilizado como uma geografia para divulgar os ideais cívicos e evitar comportamentos indesejáveis que poderiam transgredir os hábitos e costumes da nação.

Palavras Chaves: escola – disciplina – corpo

CARTOGRAPHY OF THE PRACTICES AND KNOWLEDGE DISCIPLINARIES IN CAMPINA-GRANDE

Abstract

This report is result of the research on the Project **“TOILET COUNCIL: SENSITIVITIES AND KNOWLEDGE IN SCHOOL CAMPINA GRANDE - PARAÍBA (1920-1940)”** whose purpose is to investigate the construction of the educated and disciplined body of children and youth in the city of Campina Grande - Paraíba, in the period 1900-1930. The documentation selected during this study consists of laws, decrees, resolutions, minutes, journals, to example the magazine Evolução, Era Nova, Newspaper o Comércio de Campina Grande, and Brasil Novo. It methodologically grounded in assumptions thought by Michel de Certeau on daily practices, the stories designed and vivid were analyzed from a social place, seeking to realize its subtleties, strategies, tactics and operations of doing and knowing. From that time frame, spatial and methodology, we discussed how the subjects meant speeches civic, patriotic and teaching aimed at disciplining the body and mind of children and young people, especially in the school as a geography used to disseminate civic ideals and avoid undesirable behavior that could violate the habits and customs of the nation.

Key words: school - discipline – body

¹ Aluno do Curso de História, Unidade Acadêmica de História, UFPG, Campina Grande, PB, E-mail: andersongoncalves@hotmail.com

² Professor, Doutora, Unidade Acadêmica de História, UFPG, Campina Grande, PB, E-mail: reginacgn@gmail.com

Introdução:

Este relatório é resultado de pesquisas realizadas no projeto *PIBIC/CNPq/UFCG, (2013 – 2014): “CONSELHO HIGIÊNICO”: SENSIBILIDADES E SABERES ESCOLARES EM CAMPINA GRANDE – PARAÍBA (1920-1940)* cujo objetivo é de investigar a construção do corpo educado, disciplinado e obediente a códigos prescritos por autoridades políticas, religiosas, jurídicas e pedagógicas nos espaços educacionais da cidade de Campina Grande-PB entre 1920 a 1940, através da análise dos discursos cívicos, patrióticos, militaristas e metodológicos divulgados na época.

A pesquisa realizada a partir de reflexões sobre a História da Educação, lançando olhares na compreensão da educação no cotidiano dos discentes, docentes e demais componentes dos espaços escolares construído socialmente e culturalmente para analisar os mecanismos e as formas de sua produção no lugar social. Seu início ocorreu enquanto resultado do projeto “*CARTOGRAFIAS DAS PRÁTICAS E SABERES DISCIPLINARES EM CAMPINA GRANDE – PARAÍBA (1900-1930)*” desenvolvida no Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de história da UFCG³ durante o ano de 2011. No começo do projeto percebemos a falta de trabalhos acadêmicos quando o assunto a tratar era a História da Educação na cidade de Campina Grande - PB nas primeiras décadas do século XX.

Na primeira fase a pesquisa foi centrada em encontros com a orientadora para estabelecer estratégias de trabalho e cumprir com o planejamento proposto: 1) Mapeamento bibliográfico referente a temática; 2) Catalogação da documentação existente nos arquivos; 3) Análise das fontes à luz das leituras teóricas e historiográficas escolhidas; 4) Redação de textos nos quais serão contemplados os discursos que ganharam visibilidade nas fontes pesquisadas. A partir dos resultados parciais da pesquisa elaboraremos o relatório final. Com a presente pesquisa participamos de eventos (local, nacional e internacional), para a divulgação do trabalho junto à comunidade acadêmica. O acompanhamento dos trabalhos será realizado através da elaboração de relatório parcial e final e de encontros periódicos para a avaliação das atividades desenvolvidas.

Para estudarmos a História da Educação em Campina Grande – PB nas primeiras décadas do século XX estabelecemos dois marcos temporais: o primeiro marco se localiza no início do século XX, período em que surgem vários espaços destinados à educação na cidade. É nesse momento que se tem a criação do *Colégio 15 de Novembro em 1905*, a implantação do internato na *Escola São José do professor Clementino Procópio*, o *Colégio – Instituto Spencer*, que funcionou entre os anos de 1915 e 1917, do *Instituto Pedagógico Campinense*, criado no ano de 1919 pelo até então Tenente Alfredo Dantas Correa de Góis, que analisaremos um pouco melhor mais adiante, e o *Instituto São Sebastião*, de 1920, obra do professor e poeta Anézio Leão. (CÂMARA, 1947, p. 89-93).

O segundo marco por qual passa a História da Educação em Campina Grande – PB ocorre na década de 1930, quando o modelo de educação da cidade passa a notar mudanças a partir das inaugurações dos colégios de caráter particular e ligados a ordens religiosas na cidade. Um primeiro exemplo dessas instituições de Ensino foi a criação do *Colégio Imaculada Conceição* em março de 1931 (conhecido por *Colégio das Damas* que em seus primeiros anos de funcionamento dispunha o Ensino exclusivamente para o sexo feminino), em abril do mesmo ano é inaugurado por iniciativa do vigário José Delgado o *Colégio Diocesano Pio XI*, na Igreja Matriz hoje a Catedral de Campina Grande - PB. No ano de 1932, esse educandário é transferido para a Rua João Pessoa. (Ibid, p. 87-93).

O interesse no primeiro semestre da pesquisa se deu pelas práticas de ensino anteriores a nova tendência educacional, chamada de “Escola Nova” que ganhou repercussão nacional com a publicação do “*Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*” de 1932 a partir da dimensão política do Governo Provisório de Getúlio Vargas no início da década de 30 do século XX, ganhando adeptos, inclusive na cidade de Campina Grande – PB em suas instituições educacionais, a exemplo do Instituto Pedagógico Campinense fundado em 1919 pelo Tenente Alfredo Dantas, que anteriormente a adoção desses ideais era adepto de acordo com DINOÁ (1993) do modelo pedagógico do professor Clementino Procópio.

Esse educador representava o modelo que predominava em Campina Grande muito comum no Brasil no século XIX, que se perpetuaria por um bom tempo no século XX em algumas regiões do país.

³ O Programa de Educação Tutorial do Curso de História do Centro de Humanidades da UFCG foi aprovado no ano de 2009, passando a funcionar a partir de outubro do mesmo ano, desenvolvido atividades de pesquisa, ensino e extensão. Pesquisa essa que possui como objetivos investigar “a constituição do corpo educado e disciplinado de crianças e jovens na cidade de Campina Grande – Paraíba no período de 1900 a 1940”. Ver “*CARTOGRAFIAS DAS PRÁTICAS E SABERES DISCIPLINARES EM CAMPINA GRANDE – PARAÍBA (1900-1940)*”. Maio de 2012. <http://www.ufcg.edu.br/~historia/pet/>.

Tanto a rede pública como a particular da cidade de Campina Grande no começo do século XX, era formada na sua maioria por estabelecimentos de ensinos ministrados por mestres-escolas⁴. As estratégias utilizadas por esses docentes são apresentadas como autoritárias em razão dos recursos punitivos que eram adotados pelos docentes. Todavia, compreendemos a importância de analisar o cotidiano escolar para se compreender como funcionava a metodologia utilizada por esses educadores, observando que da mesma maneira que existiam estratégias duras de controle por parte dos professores, existiam também táticas produzidas pelo alunado para burlar essas regras estabelecidas por seus preceptores.

É com intuito de abordar como se dava essas práticas no ambiente escolar que iremos analisar os discursos produzidos pelos cronistas da cidade Campina Grande sobre a figura do professor Clementino Procópio e sua relação com os alunos em sala de aula, observando as estratégias do docente para manter o controle tanto da classe como do seu estabelecimento de ensino e as táticas dos discentes para burlar algumas de suas regras. É importante examinar a metodologia aplicada na época pelos mestres-escolas, tendo em vista que o método de ensino é um dos subterfúgios para manter a ordem em sala de aula. O sistema de aprendizagem habitualmente utilizado no Brasil no século XIX era o método Lancaster⁵ baseado

No ensino oral, no uso refinado e constante da repetição e, principalmente, na memorização, porque acreditava que esta inibia a preguiça, a ociosidade, e aumentava o desejo pela quietude. Em face desta opção metodológica ele não esperava que os alunos tivessem originalidade ou elucubração intelectual na atividade pedagógica, mas disciplinarização mental e física. Identificado com trabalho pedagógico realizado por Bell, também, utilizou monitores para o encaminhamento das atividades pedagógicas. Todavia, o principal encargo do monitor não estava na tarefa de ensinar ou de corrigir os erros, mas sim na de coordenar para que os alunos se corrigissem entre si. Para Lancaster, os monitores eram os responsáveis pela organização geral da escola, da limpeza e, fundamentalmente, da manutenção da ordem. (NEVES & MEN, 2007, p.2)

O método lancasteriano era utilizado estrategicamente pelos mestres-escolas⁶ para disciplinar o alunado e manter a ordem no ambiente escolar. Além de ser um meio pedagógico que facilitava a gerência e o controle dos comportamentos humanos que não se ajustavam à ordem social. De acordo com LAMARÃO (2011) Esse modelo educacional foi interessante para a política de ensino público do Brasil no período imperial, para doutrinar as cabeças dos jovens para que esses se tonassem bons exemplos de sujeitos disciplinados e conformados. Essa ação do Estado tinha como intuito a construção de uma nação obediente às hierarquias que começaria a partir da sala de aula, com o aluno respeitando o professor, isso evitaria conflitos que foram comuns no Brasil no século XIX. Salientando que o método de Lancaster não foi empregado apenas para disciplinarizar os corpos dos jovens brasileiros. Mas sim, para “resolver, em parte, o problema da falta de professores no início do século XIX no Brasil, pois a escola poderia ter apenas um educador”. (LAMARÃO, 2011, p.29). Nesse modelo de ensino o professor escolheria dentre os alunos mais avançados ou treinados pelo educador para ser um decúria, este ficaria responsável por orientar uma turma a aprender e corrigir entre si.

Essa Metodologia também foi utilizada pelo professor Clementino Procópio no seu estabelecimento de ensino, e pelos demais professores campinenses que foram seus contemporâneos. Sobre esse assunto o Jornalista André de Sena transcreve uma crônica do também jornalista Eurípedes de Oliveira que foi aluno do mestre-escola que relata como era o professor no cotidiano escolar

O professor sentava a sua cabeceira, pondo diante de si a palmatória e a pedra que os meninos pediam licença e se metia na mata, nos fundos da casa. Somente quando voltava aquele é que outro apanhava a licença, evitando dessa forma que dois ou mais fossem ao menos juntos. Poucas semanas depois eu recebi, cheio de orgulho, o lugar de decúria. Era o prêmio ao aluno mais cuidadoso e tinha o privilégio de ficar respondendo pelo professor nas suas raras ausências da sala... Começamos as aulas fazendo a escrita ditada

⁴ Professor que ministra aulas para diferentes alunos de diferentes graus de instrução numa mesma sala. Ver: LAMARÃO, 2011.

⁵ Joseph Lancaster nasceu na Inglaterra (1778-1838) era defensor confesso da nobreza e membro da seita religiosa dos *Quaker*. O método de ensino desenvolvido por este foi inspirado no trabalho pedagógico realizado em Madras, na Índia, pelo pastor anglicano Andrew Bell (1753-1832), e com os ideais reformadores do jurista inglês Jéremy Bentham (1748-1792), autor do *Panóptico*, estabeleceu em 1798, uma escola para filhos da classe trabalhadora, também utilizando monitores para o encaminhamento das atividades pedagógicas. Todavia, Lancaster amparou seu método no ensino oral, no uso refinado e constante da repetição e, principalmente, na memorização, porque acreditava que esta inibia a preguiça, a ociosidade, e aumentava o desejo pela quietude. Ver: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_joseph_lancaster.htm ACESSO EM 02/02/2015.

⁶ Era um docente que assumia sozinho o ensino de um grupamento de alunos de diferentes níveis de escolarização. Ver: LAMARÃO, 2011, p.29.

ou copiada e nela mesma fazíamos a análise gramatical dum trecho marcado. Depois, enquanto o professor corrigia as escritas, ficávamos estudando as lições do dia... Terminada a correção da escrita ele fazia a chamada. Um a um, íamos receber as notas. Se fosse má, estirávamos a mão e recebíamos dois bolos de palmatória; péssima, receberíamos quatro e teríamos que refazer tudo de novo. Se estivesse certa, ele marcava outra para o dia seguinte. Depois da escrita era a vez das lições decoradas. Entregávamos o livro com a lição marcada do dia anterior e ficávamos diante dele (Clementino Procópio), de pé, com os braços caídos ao longo do corpo e recitávamos todas as palavras ali impressas, sem esquecer pontuação, notas ou exemplos. Terminada a prova, os bolos de palmatória, dois ou quatro, conforme a nota recebida e voltávamos a estudar até saber recitar tudo na ponta da língua; às vezes ele voltava às páginas e apenas dizia as primeiras palavras do trecho que nós teríamos de continuar recitando para provar que não tínhamos esquecido as lições anteriores. (OLIVEIRA Apud SENA, 1999, p.39-40)

O relato de Eurípedes de Oliveira tende a ressaltar o comportamento de uma época, que para instruir o conhecimento e disciplinar os alunos os professores necessitavam agir de rigidez e de castigos, como visto na citação acima estes castigos eram corporais. Esses acontecimentos vistos nos dias atuais podem ser observados como algo traumático, o fato de este colocar o professor em parênteses poderia ser uma forma temerosa de abordar o educador. No entanto, para o historiador Bruno Gaudêncio o relato do jornalista era mais crítico ao método do que propriamente ao professor, “Apesar de aumentar os seus conhecimentos, em cálculos e caligrafia, suas lembranças são permeadas por críticas as formas de instrução de sua época.” (Gaudêncio, 2008, p.6), pois se aprendia, mas, a custo de muita violência.

Não podemos apontar que o método Lancaster fosse o causador dessas formas agressivas de se ensinar aos alunos, mas, teria sido assimilado ao sistema para impor respeito aos docentes e aos seus monitores (decúrias), que em alguns casos se utilizavam mais desses artifícios de repressão do que os seus professores. Esse foi o caso do monitor do professor Pedro Otávio⁷ que de acordo com MORAIS (1985) toda vez que o professor precisava sair o decúria se virava para os meninos e mostrava um cipó rijo, e o escondia debaixo do seu material, indicando para seus colegas que quem saísse da linha seria punido com o cipó. O autor desse discurso revela que essas “são recordações de um tempo bom e de uma infância sem sonhos, naqueles tempos inocentes”. (MORAIS, 1985, p.32). A qual professores e monitores se utilizavam de métodos de punições que muitas vezes inibia o aluno até de querer frequentar o ambiente escolar.

Para FOUCAULT (1979) era dessa maneira que surgia às relações hierárquicas no ambiente escolar que revelavam como a disciplina docilizava os corpos dos alunos com intuito constante de coagir os mesmos para não sair da linha imposta pelo educador. Logo, os decúrias se apresentavam como mecanismos de poder responsáveis também pela afirmação de um sistema punitivo que formava a engrenagem educacional da época. Nesse sentido FOUCAULT (1999) aborda que cada sujeito se encontra preso a uma universalidade punível-punidora, na qual, suas ações são cabíveis a penalizações sobre qualquer fração de desvio de conduta. No cotidiano escolar que estamos analisando esses mecanismos disciplinares surgiam através de castigos físicos e de pequenas humilhações.

Era por isso que o alunado temia as sabatinas, já que um erro representava punições, enquanto que acertos poderiam ser benéficos no futuro, já que da mesma maneira que um decúria despertava temor, também poderia despertar o desejo dos discentes de escapar dos castigos impostos pela metodologia da época. O próprio Eurípedes de Oliveira em seu relato acima demonstra ficar muito agraciado com a escolha do professor Clementino Procópio para ser um dos seus monitores. Logo era uma função que o alunado almejava, tanto para mostrar capacidade para o mestre-escola, como para fugir de alguns carrascos travestidos de monitores. As sabatinas do professor Clementino Procópio ocorriam nos sábados, sobre esse assunto o jornalista Eurípedes de Oliveira nos dar mais detalhes como eram esses exames.

A classe formava um círculo, ele ao centro, com a palmatória nos joelhos e contava salteado, ora para um, ora para o outro lado, a fim de manter atentos as perguntas: o que é verbo? Ou, quantos são os pontos cardeais? Diga a regra para extrair uma raiz quadrada? Onde fica o Cabo da Boa Esperança? Qual é o maior, um ângulo agudo ou ângulo obtuso? Se o aluno titubeava, ele apontava para outro dizendo: “adiante, adiante, adiante, adiante!” até encontrar quem desse a resposta certa. Então ele entregava a palmatória e o acertador corria a fila e dava um bolo em cada um dos que estivessem errados. Ai dele, se por descuido ou camaradagem desse um bolo pequeno; ele (o professor) tomava a palmatória e lhe dava um bolo exemplar para não dar mais bolo de compadre. O esforço era grande, pois ninguém gostava de apanhar e era preferível estar preparado para dar em vez de sofrer. (OLIVEIRA Apud SENA, 1999, p.40).

Podemos observar no depoimento de Eurípedes de Oliveira que esses exames sofriam forte influência do método pedagógico lancasteriano. Já que o aluno no lugar de aprender esses fundamentos, era forçado por essas sabatinas a memorizar temendo sofrer castigos corporais na frente do público que assistia estes

⁷ A escola do professor Pedro Otávio se situava onde hoje é a Rua Jovino do Ó. Ver MORAIS, 1985, p.31.

exames. De acordo com DINOÁ (1993) esses testes eram no sábado justamente para que a população campinense fosse assistir, já que na semana era mais difícil deixar os afazeres para presenciar essas sabatinas. O mais interessante é que existia uma procura do público para assistir esses testes, muitas vezes estes sujeitos se espremiavam nas dependências da escola para presenciar os alunos sendo inquiridos pelo professor, era isso que na verdade ocorria. É difícil pensar o que levava essas pessoas a irem assistir essas sabatinas, se era o conhecimento ou era o desejo sadomasoquista de ver os erros serem punidos com os instrumentos de dor. Então errar além de ser doloroso também era vergonhoso, logo o alunado se preparava para bater e não apanhar.

Segundo Eurípedes de Oliveira (1999) existiam até reuniões dos estudantes para fazer as contas dos discentes que davam mais bordoadas como bons alunos. Porém, um assunto que é importante refletir no discurso da citação acima é que existiam tentativas de burlar os empreendimentos do mestre-escola, por parte dos seus discípulos. Isso ocorria quando um dos seus educandos batia de leve com a palmatória em alguns colegas que faziam parte do seu ciclo de amizade. Era uma forma de ludibriar o professor para promover um ato de generosidade perante um companheiro. É claro que o alunado temia burlar as ordens do educador, que no caso do professor Clementino Procópio poderia resultar em uma palmada exemplar, para manter firme o seu pulso perante o público que assistia e dificultava ainda mais a execução das táticas dos alunos. Todavia, é importante destacar que a tática para historiador Michel de Certeau (2009) se apresenta muitas vezes de um ato de improvisação, igualmente as ações dos discípulos do mestre escola, que buscavam livrar alguns de seus colegas da punição imposta, no momento em que seria efetuado o castigo.

Com a implantação do internato na Escola São José em 1910, que antes funcionava apenas como um externato, o professor Clementino Procópio fundava o primeiro educandário⁸ de Campina Grande. E se via na necessidade de empregar novas estratégias de controle para o alunado, já que agora o educador receberia no seu estabelecimento de ensino estudantes advindo de outras cidades que ficariam hospedados no internato do colégio, na Vila América, sobre os seus cuidados. Se antes o mestre escola necessitava apenas manter a ordem na sala de aula, agora precisava manter a disciplina no novo modelo adotado pelo seu estabelecimento de ensino, que segundo TERCEIRO NETO (1999) teria o apoio da sua esposa D. América Procópio que o ajudaria na administração e na manutenção do educandário. Os alunos internos do professor Clementino Procópio seriam disciplinados para cumprirem as regras da instituição. Por exemplo, era permitido aos discentes saírem nos horários livres, inclusive à noite.

O pai do cronista Dorgival Terceiro Neto relatava algumas experiências da época em que foi interno do colégio São José destacando “que saiam, vez por outra, à noitinha, para o lazer citadino, circunscrito a caminhadas pelas poucas ruas da cidade, ou visitas ligeiras a amigos e conhecidos. À hora marcada se recolhiam todos.” (TERCEIRO NETO, 1999, P. 206). A instituição do professor Clementino Procópio, permitia a saída dos garotos para que esses pudessem desopilar nas horas vagas, já que seria muito difícil manter presos jovens como o pai do cronista o seu Melquiades Vilar que na época em que foi interno do educandário entre os anos de 1910-1914, já tinha dos seus 16 a 20 anos. Estrategicamente o educador permitia a saída dos seus discentes, todavia, existia um horário de recolhimento, que tinha que ser cumprido. Aqueles que não fossem pontuais com o horário estipulado acabariam sendo punidos. Isso era uma maneira do mestre-escola manter a ordem no seu estabelecimento de ensino, dando liberdade aos discentes mais impondo regras para sua chegada. Mas, para toda estratégia, existe uma tática (CERTEAU, 2009), e o seu Melquiades Vilar é um exemplo:

Certa noite, ele chegou com atraso, porque prolongara a conversa em casa de umas jovens. Ao se aproximar do colégio, lá vem o cachorro agressivo que Severino Procópio, filho do professor, criava, e ao qual concedia habeas-corpus noturno, depois que os internos se recolhiam. O estudante retardatário não teve outra opção, a não ser atracar-se com o bicho, quando este partiu para mordê-lo. Acostumado a derrubar boi no mato e a enfrentar riscos, valeu-se da agilidade e força física para segurar o cão pelo pescoço. Apertou-o tanto que o animal desmaiou e morreu. No outro dia, o assunto era um só mataram o cachorro do filho do professor. Se descoberto, o autor do cachorrício seria penalizado com expulsão, acaso fosse aluno do colégio. (TERCEIRO NETO, 1999, P. 206).

Se no cotidiano escolar o professor Clementino Procópio se utilizava do estratagema da metodologia lancasteriana, principalmente empregando o uso de monitores para manter a ordem em sala de aula. À noite o eleito para função de monitor era o cachorro do seu filho, após o esgotamento do prazo para os internos voltarem. O animal era solto para montar guarda e fazer a segurança da propriedade, e de vez em quando, acabava delatando os alunos retardatários que chegavam após o horário. O cachorro

⁸ Na década de 1910, vários educandários foram inaugurados com modelos parecidos. Entre 1915 e 1917 funcionou na cidade o Instituto Spencer, sob a responsabilidade do professor José Otávio de Barros. Em 1917, o Professor Mauro Luna, ex-aluno de Procópio, funda o Instituto Olavo Bilac. Em 1920 também foi criado o Instituto São Sebastião, empreendimento do professor e poeta Anézio Leão. Ver o Fascículo 5 do Jornal da Paraíba, 2014, p.2.

igualmente um decúria, tinha a função de disciplinar e de educar os estudantes para não mais chegarem atrasados, já que este estava ali para denunciar os procrastinadores ao docente. Para burlar essa fera raivosa que alertava o professor da chegada de um interno retardatário Melquíades Vilar teve que se atracar com o cão para silenciar seus latidos, a partir da citação acima percebemos que o maior medo do aluno não era se machucar enfrentando o decurião animalesco, e sim ser pego infringindo às regras do preceptor. Então de maneira improvisada o educando se utilizou da sua astúcia para conseguir adentrar os aposentos onde ficavam os estudantes do internato sem ser notado. Para FOUCAULT (1999) a violência que o uso do castigo físico produzia no sujeito, reproduzia mais violência, quem levaria a pior nessa história era o canino que perderia sua vida.

É importante destacar que o cotidiano escolar sofreu com a influência do método Lancaster que retirava do alunado a criatividade, tratando estes como se fossem vasos que os preceptores encheriam de conhecimentos repetidos para memorização. Essa metodologia teve como principal função manter a ordem no ambiente escolar do que propriamente despertar o conhecimento, além de servir ao Estado, como uma prática de poder para disciplinar os jovens das classes subalternas. Empregado também no ensino particular como observamos no contexto educacional de Campina Grande, entre os séculos XIX e começo do XX. As intenções que inspiravam essa metodologia era docilizar o sujeito, igual ocorria em uma instituição militar para obedecer às hierarquias. Mas, a partir do cotidiano escolar do estabelecimento de ensino do professor Clementino Procópio, percebemos que sempre há resistência por parte do sujeito para sublevar normas que os regulam.

O Instituto Pedagógico Campinense adotara nos seus primeiros anos de vida do educandário as mesmas estratégias de controle que o professor Clementino Procópio usou ao longo de sua carreira. Para manter a disciplina dos discentes, segundo a enteada do Tenente Alfredo Dantas, a D. Ester Azevedo na década de 1920, foi aplicado o uso da palmatória logo sendo extinto esse recurso disciplinar. (DINOÁ, 1993, p.247) O educandário buscando se diferenciar dos demais estabelecimentos de ensino da cidade de Campina Grande enveredará na busca pela modernização de sua estrutura educacional e pedagógica.

É importante frisar o momento da modernização da cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, pois em todo o país o cenário urbano e o cotidiano social sofrem profundas alterações para adequar as novas exigências da modernidade. Na economia se evidencia por centralizar o comércio do interior e também servia como ponto estratégico dos Tropeiros⁹ que circulavam por toda região Nordeste, além disso, destacava-se mundialmente por possuir uma produção algodoeira para exportação bastante forte até os anos de 1930, impulsionada com a chegada do trem no ano de 1907 possibilitando o escoamento das mercadorias com mais agilidade pela região, porém não somente de aspectos econômicos se movia o trem, pois “[...] a importância que as estações de trem assumem, na vida cotidiana local, como espaços nos quais e através dos quais as comunicações adquirem feições modernas [...] com a entrega rápida da correspondência e de jornais por assinatura.” (ARANHA, 2006, p.75). E segundo Nascimento (1997), nesse período é percebida a intromissão do estado moderno na esfera pública e privada da população paraibana “[...] através do estabelecimento de normas que visavam adaptá-la as novas demandas sociais, como por exemplo: a cobrança de impostos, a higienização, a urbanização, o controle de doenças, o combate ao “banditismo”, a construção de escolas dentre outras medidas.”.

Essas interferências do Estado Moderno citada por Nascimento não almejavam transformações somente estruturais nos espaços urbanos ou educacionais da cidade, mas também em disciplinar e educar o corpo das crianças e jovens para adaptá-las aos discursos cívicos, religioso, patrióticos, militaristas e pedagógicos que vigoravam na época. No entanto, segundo Lima (2013), a Campina Grande vivia um atraso educacional, pois a Paraíba e a cidade ainda estavam organizadas em cadeiras isoladas¹⁰ e entregues aos interesses de grupos dominantes no período da República Velha, caracterizada pela política do “café com leite” e a “política dos governadores” que se identificava em alianças políticas de troca de favores, e o povo, principalmente das cidades do interior estava subjugada aos desmandos dos coronéis com seu *mandonismo* local e isso foi um fenômeno, tanto no Brasil como em Campina Grande - PB. E segundo Pinheiro (2001), no início do século XX alguns segmentos da elite campinense começa pensar a educação não como modelo de submissão aos interesses desse sistema oligárquico, mas com um discurso positivo da modernidade, de transformações urbanísticas oriundas da Europa que impactou no modelo de escola que até então era de cadeiras isoladas para construção de grupos escolares para aformosear a cidade e também atender a uma “[...] forma de organização escolar mais complexa, que viria atender as necessidades impostas pelas mudanças que estavam se processando na sociedade brasileira e paraibana. Teve como objetivo último formar novos homens e mulheres - os cidadãos.” (PINHEIRO, 2001, p. 133).

Após a Revolução de 1930, assume o novo governo sob a tutela de Getúlio Vargas, modificando esse cenário político da República Velha, colocando em crise o sistema oligárquico que começa a ganhar

⁹ Tropeiros eram condutores de animais com intuito de negociar nas cidades do interior do Brasil

¹⁰ Segundo Pinheiro (2001, p. 15) cadeiras isoladas na Paraíba, foi “um modelo de organização escolar, que predominou nos períodos colonial e imperial e perdurou até às primeiras décadas da República Velha.”

outras redefinições com a centralização do poder no Estado. Modificando também os parâmetros da educação nacional, aproveitando-se da tendência da “Escola Nova” que ainda estavam concentradas em alguns estados do Brasil.

Durante a primeira metade do século XX ganha força um movimento que pretendia reconstruir o sistema educacional do Brasil, o movimento renovador, chamado de “Escola Nova”, inserido no país por Ruy Barbosa no fim do século XIX sendo mais expressivo nos anos 20 com reformas concentradas em alguns estados da federação, discutidas e institucionalizadas por educadores e intelectuais, a exemplo de Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. E somente na década de 30 no Governo Provisório de Getúlio Vargas, a partir de uma elite intelectual do país lança em 1932, “O Manifesto dos pioneiros da Educação Nova”, com principal objetivo de reconstruir o sistema educacional do país apontando diretrizes para uma nova política educacional pensada agora em nível nacional. Entre suas disposições se destaca:

A laicidade, que coloca o ambiente escolar acima de crenças e disputas religiosas, alheio a todo o dogmatismo sectário, subtrai o educando, respeitando-lhe a integridade da personalidade em formação, à pressão perturbadora da escola quando utilizada como instrumento de propaganda de seitas e doutrinas.¹¹

Nesse primeiro momento como observamos na citação acima do referido manifesto destacamos a laicidade educacional como princípio norteador para uma boa convivência no cotidiano escolar. E essa e outras prerrogativas desse manifesto abriram para um debate nacional e a Campina Grande da primeira metade do século XX, também se inseriu nesse contexto, a exemplo do Instituto Pedagógico Campinense fundado em 1919 pelo Tenente Alfredo Dantas Correia de Góes.¹² Em 1924, o Instituto muda-se para um novo prédio, na mesma rua - Barão do Abiaí - sendo adaptadas as condições higiênicas e pedagógicas em vigor na época. E durante as primeiras décadas do século XX essa instituição ganha destaque perante outros educandários, pelas várias disciplinas que oferecia em sua grade curricular. E o desenvolvimento econômico, político e intelectual da cidade contribuíram para esse avanço e corroborou também na chegada de novas instituições de ensino na cidade. E segundo Silva (2010, p. 8) para se pensar aspectos relacionados a modernidade da educação em Campina Grande – PB nesse período, o Instituto Pedagógico “[...] se constitui como um bom marco cronológico, por que a criação do educandário justifica-se na necessidade da modernização da educação para Campina se sentir moderna”.

Segundo a documentação nesse educandário em suas praticas pedagógicas, ocorria um discurso na defesa do ensino “leigo” ou laico, considerando como um dos princípios norteadores para uma boa convivência no cotidiano escolar, corroborando também em seu discurso, como dito anteriormente uma nova proposta educacional, chamada de Escola Nova, *escolanovista* ou Pedagogia Nova. E por isso esse educandário se destacava entre as outras instituições de ensino da cidade de Campina Grande e também por possuir uma diversidade de cursos ministrados em sua grade curricular oferecida aos discentes, por exemplo, os ensinios “Comercial”, “Militar”, “Gymnastica”, com base em uma educação laica que tinha por finalidade “[...] aproximar os homens, pelo respeito mútuo, sem distinção de raças nacionalidade de dogmas sociais e religiosos”.¹³

Nessa nova tendência educacional as práticas da educação deviam se adequar a modernização de acordo com projetos de intervenção pedagógica e social, não somente nas relações de trabalho, mas também de saúde pública, habitação, estilo de vida e tudo isso em uma dimensão social que sofria diversos fatores de reformulações e resistências, ou seja, “[...] o propósito explícito de *higienizar, civilizar, modernizar*, enfim, preparar camadas da população para novos hábitos de vida e de trabalho.” (MATE, 2002, p. 36). E seguindo nessa perspectiva de novos projetos para pratica pedagógica, segundo Mate a “Escola Tradicional”

[...] baseada nos “interesse de classe” e na disciplina exterior deveria ser substituída pela *escola nova*, pedagogia pela qual a aquisição da disciplina interior (*autodisciplina*) seria obtida pela organização do ambiente pedagógico de modo a estimular o desenvolvimento das *aptidões*. Para isso, os espaços escolares deveriam ser *racionalmente* organizados de modo a alcançar o máximo de eficiência nos seus resultados: autodisciplina, autocontrole, desenvolvimento das aptidões direcionadas às *novas necessidades do mundo moderno*. (MATE, 2002, p. 140).

¹¹Ver em: *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Disponível em < <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>> Acessado em 15 de Novembro de 2013.

¹² Localizado na Rua Barão do Abiaí, primeiramente oferecendo o ensino primário e secundário para ambos os sexos, composto de duas cadeiras regidas pelos fundadores do Instituto, a cadeira masculina pelo tenente Alfredo Dantas Correia de Góes e a cadeira feminina pela professora normalista Ester de Azevedo.

¹³ Ver Revista Evolução, 1931, N° 2, “Escola Leiga”.

Seguindo essa lógica de organização social submetida pela “Escola Nova” observada na citação acima, a educação passava a ser uma “hierarquia democrática”, ou seja, os estudantes teriam oportunidades iguais de acordo com suas aptidões individuais que devia ser instigadas pelos espaços educacionais. Na visão da historiadora Cecília Mate (2002), no livro “Tempos Modernos na Escola: os anos 30 e a racionalização da educação brasileira”, durante os anos 30 a educação brasileira passou por “[...] um processo de modernização e racionalização social” (MATE, 2002, p. 11, grifo nosso). Seguindo essa linha da “racionalização social”, tinha o intuito de organizar a sociedade brasileira sob o controle do comportamento dos indivíduos. E som isso serviu para um controle mais efetivo dessas novas propostas pedagógicas. E a modernidade foi usada pelo interesse das classes dominantes com o discurso de modernização da sociedade e também da escola. Discurso no qual ajudou na implantação de um conjunto de mudanças sociais com formulações pedagógicas responsáveis pelo funcionamento da estrutura educacional nas décadas de 1920 e 1930. Pois, os *reformadores escolanovistas* almejavam um projeto *homogeneizado* na escola, “[...] tratava-se de um projeto de reforma cultural já em curso, através do qual a escola seria o lugar privilegiado para a pretendida padronização de costumes.” (Ibid, p. 23, grifo nosso).

Mate (2002, p. 22) deixa claro em seu diálogo historiográfico que essa tendência *escolanovista*, além de uma dimensão pedagógica, possuía uma dimensão política bastante acentuada no pós-revolução de 1930 que institui o Governo Provisório (1930-1934) no comando da figura centralizadora de Getúlio Vargas e no setor educacional em 1931 cria o Ministério da Educação e Saúde, com Francisco Campos o seu primeiro ministro, mas o seu governo não foi o pioneiro no movimento de “[...] construção de um sistema nacional de ensino [...]”, pois articulações anteriores já estavam em percurso, porém em ritmo lento. O que de fato podemos relacionar ao desenvolvimento da reconstrução educacional no país foi sua postura centralizadora e autoritária e por essas prerrogativas que o cenário desse novo modelo educacional da “Escola Nova” se fortalece e os educadores e intelectuais da época começam articular suas escritas e leituras, “[...] encaminhando projetos com perceptivas muito próximas a uma política nacional articulada em torno de Vargas.” (Ibid, p. 18).

Além da tendência educacional da “Escola Nova”, pode ser observado também um discurso medico-higienista em Campina Grande – PB na primeira metade do século XX em seus espaços educacionais, que até o momento a documentação pesquisada permite analisar o caso do Instituto Pedagógico Campinense. A partir da análise da Revista Evolução (1931 – 1932) periódico produzido pelo educandário que serviu de suporte para esta pesquisa, também irá nos ajudar a discutir sobre essa abordagem do “higienismo moderno”, tanto no ambiente escolar como no urbano.

Objetivos:

Os objetivos apresentados para esta pesquisa estão centrados na análise da construção do corpo educado e disciplinado através dos discursos, cívicos, patrióticos e pedagógicos que emergiam na cidade de Campina Grande – Paraíba, no período de 1920 - 1940. Com o desenvolvimento da pesquisa fomos percebendo a possibilidade de se escrever uma História da Educação em Campina Grande – PB, pelo fato dos arquivos da cidade e do Estado da Paraíba, possuírem uma grande diversidade de documentos que direcionavam para os temas relacionados a Educação.

Objetivou-se, portanto, nessa primeira fase analisar os discursos oriundos das fontes historiográficas buscando evidenciar o cotidiano escolar dos alunos do professor Clementino Procópio observando as táticas e estratégias dos alunos e do professor. Antes do surgimento do Instituto Pedagógico Campinense, fundado em 1919 pelo Tenente Alfredo Dantas, que tinha propostas inovadoras de ensino para elevar o nível da educação dos jovens de Campina Grande – PB. Mas, que a princípio de sua inauguração seguiu o modelo pedagógico adotado pelo Professor Clementino Procópio. E com essa abordagem no referido Instituto, analisamos a partir de duas perspectivas educacionais em voga na primeira metade do século XX: primeiro o discurso pedagógico baseado em princípios da tendência educacional da “Escola Nova” em Campina Grande – PB e também a emergência de um discurso “higienista” em suas práticas escolares, ambos os aspectos observado no periódico “Revista Evolução” (1931-1932) produzido por essa instituição de ensino e hoje se encontra arquivada na biblioteca Átila de Almeida da UEPB em Campina Grande.

E para atender uma falta de trabalhos relacionado a História da Educação na Cidade de Campina Grande-PB, buscamos analisar no primeiro momento desse projeto no contexto político, econômico e social da primeira metade do século XX através das análises de fontes, desde, revistas, jornais, leis e decretos, obtidas através de pesquisas de campo para montar um cenário da educação das crianças e jovens campinenses do passado.

Objetivo Geral:

- Pesquisar acerca da construção do corpo educado e disciplinado através da análise dos discursos cívicos, patrióticos e pedagógicos que emergiram na cidade de Campina Grande – Paraíba, no período de 1920-1940.

Objetivos específicos –

Investigar como o espaço escolar foi utilizado como uma geografia para divulgar os ideais cívicos e patrióticos, favorecendo para a elaboração de identidades locais associadas com os ideais da ordem e dos progressos cultural e social;

- Analisar as estratégias utilizadas nas escolas para o treinamento físico e intelectual dos estudantes buscando prepará-los para adentrar o mundo do trabalho atendendo as ideais de disciplina e ordem que surgiam no Brasil.

- Problematizar como os jornais subjetivaram as identidades estudantis a partir das tensões entre comportamentos desejáveis e aqueles considerados transgressores dos hábitos e costumes.

Material e métodos

Nessa primeira fase da pesquisa buscou como meta: 1) Catalogar a documentação existente nos arquivos públicos do Estado da Paraíba e de Campina Grande; 2) Catalogar, digitalizar e transcrever os documentos encontrados que tratam de práticas educativas em Campina Grande entre os anos de 1920 e 1940; 3) Analisar e discutir as fontes com base nas leituras teóricas e historiográficas propostas no projeto. Nesta operação historiográfica de visitar os arquivos e analisar os documentos obtidos, tentou-se localizar historicamente, atentando para o contexto da época – modernização campinense pela ascensão do algodão e das mudanças urbanísticas tanto no campo público e privado, e o surgimento da Era Vargas no contexto pós-revolução de 1930 –, quais os interesses estes documentos estavam ligados, como por exemplo, a Revista Evolução que era produzida pelo Instituto Pedagógico Campinense, fundado pelo Tenente Alfredo Dantas em 1919, e era relatado em suas páginas o cotidiano escolar, fazendo um intercâmbio de práticas e ideias com a sociedade de Campina Grande e das cidades circunvizinhas, demonstrando uma escola inovadora e a frente dos outros educandários da cidade.

A atuação que a pesquisa se insere é a História da Educação de Campina Grande e torna-se importante ressaltar que a principal motivação em tal área de pesquisa se diz respeito às mudanças dos ensinamentos, à modernização campinense como marco para a imposição de um novo comportamento, de uma nova disciplinarização das crianças e jovens do passado, que se diferenciava dos métodos pedagógicos dos mestres-escolas. Esta pesquisa é documental e exploratória, visto que se utiliza de documentos de revistas, jornais, leis e decretos, como objeto de estudo, que foram analisados enquanto espaços produtores de práticas normativas, em que foi dado enfoque à disciplinarização dos sujeitos no cotidiano escolar. E foi levado em conta as intencionalidades encontradas, na medida em que todo e qualquer documento fala por determinado grupo social e carrega em si discursos intencionais e de parcialidades.

A pesquisa foi delimitada tendo como base a análise de fontes que tratam da História da Educação na Paraíba e na cidade de Campina Grande – PB, no começo do século XX. Visitando os seguintes locais de pesquisa: Biblioteca Átila Almeida – UEPB, esse acervo pertenceu ao colecionador Átila de Almeida; no Telégrafo de Campina Grande; no Espaço Cultural em João Pessoa; Núcleo de Documentação de História Regional (NDHIR – João Pessoa) e na Fundação José Américo localizado em João Pessoa, capital do Estado da Paraíba. A documentação digitalizada está presente a Revista Era Nova e Evolução (1931-1932) produzida pelo Instituto Pedagógico Campinense; Jornais, a exemplo do Comércio de Campina (1932), A Imprensa (1959), A União (1920), Brasil Novo (1931), Evolução-Jornal (1934), O Estudante (1940), e Voz da Borborema (1937); Dados Estatísticos; Memorandos; Programas de Ensino nas Escolas Primárias da Paraíba; Quadros Demonstrativo e Relatórios Escolares.

Em relação aos fundamentos teóricos, esta pesquisa tomou como embasamento os estudos fornecidos pela Nova História Cultural, principalmente de Michael de Certeau acerca do conceito de cotidiano, em que foi pensado as suas sutilezas, estratégias e operações do fazer e saber. Usando, por exemplo, o seu conceito de estratégia¹⁴ podemos observar como os educadores do Instituto Pedagógico Campinense,

¹⁴Para Certeau, estratégia é “[...] o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode

usaram seu conhecimento como forma de saber e poder para se relacionar com esse tipo de metodologia da “Escola Nova” nessa instituição com seus estudantes, montando estratégias pertinentes a uma boa conduta na defesa e na prática dessa nova tendência educacional em seu cotidiano escolar. Entre as várias formas dessa pedagogia nova, podemos citar o “ensino leigo” ou laico que defendia um ensino não dogmatizado pela Igreja e ao mesmo tempo aceitava a diversidade das crenças religiosas do nosso país. A “Escola Nova” também emerge nesse sentido de trazer novas estratégias educacionais em voga naquele período, rebatendo os princípios da pedagogia tradicional e também discutindo os benefícios de uma “Escola Leiga”.

Outra via teórico-metodológica que utilizamos nesse trabalho é os conceitos utilizados pelo filósofo Michel Foucault (2010) acerca da disciplina do corpo inserida no cotidiano de docentes e discentes:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma aptidão, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (FOUCAULT, 2010: 133-134).

Nessa perspectiva, segundo Foucault a disciplina é “uma técnica de produção de corpos dóceis”. O corpo é também o lugar de simbolismo e de sujeição de homens e mulheres à sociedade da primeira metade do século XX. Esse corpo, que antes fazia parte de uma pedagogia tradicional, muitas vezes subjugada a credos hostilizam-te, agora passa a ser disciplinado sob o olhar atento de professores e diretores na construção do corpo educado e disciplinado.

Portanto, Certeau e Foucault são fundamentais para entender como foram construídos os caminhos trilhados pelos educadores, intelectuais políticos no cotidiano escolar e na cidade para educar o corpo e a mente de crianças e jovens na primeira metade do século XX em Campina Grande-PB, através da análise dos discursos cívicos, patrióticos, militaristas e pedagógicos.

Nessa primeira etapa de análise, foi necessário identificar os discursos sobre a escola com suas tendências pedagógicas, o lugar social, a modernização em Campina Grande, e como esta influenciou na educação e nos comportamentos das crianças e jovens campinenses do passado.

Resultados parciais:

Os primeiros resultados da pesquisa foram a coleta e análise de fontes impressas como jornais, revistas, anuários, decretos, livros e fichas de matrículas de alunos. Após isso feito passamos a digitalizar e transcrever os documentos que nos reportassem a educação na Paraíba e em Campina Grande, no começo do século XX. Todo esse trabalho contribuiu para que um grupo formado por quatro discentes do curso de história da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – PB, se interessassem por diferentes temas relacionados as práticas educacionais, como “Menor Delinquente”, Escola Nova e Ensino “Leigo”, Escola Normal, Ensino de Educação Física e Higiênica e figuras de educadores, a exemplo do professor Clementino Procópio. A descoberta dessas temáticas desde 2011 acarretou na produção de uma série de artigos sobre a História da Educação no Estado e principalmente em Campina Grande. Na parte que das referências bibliográficas o leitor pode encontrar a lista dos artigos escritos e publicados, referentes a História da Educação em Campina Grande – PB. Entre os documentos pesquisados está a *Revista Evolução*, que já se encontra catalogada, digitalizada, e transcrita. Outra *Revista* que nos chamou a atenção foi a *Revista do Ensino*¹⁵ da Paraíba.

No primeiro semestre desse projeto, foi proposto a elaboração de catálogos referentes a artigos, monografias, dissertações, teses e livros sobre a História da Educação campinense ou referente à educação do interior paraibano. Com intuito de ajudar os demais pesquisadores que estejam pesquisando ou iniciando pesquisas tendo como foco a história da educação. Outra preocupação que nos levou a fazer

ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças [...]” (CERTAU, 2012, p. 93).

¹⁵ “Os gestores do Estado paraibano, visando melhor qualificar os professores e, conseqüentemente, transformá-los em agente ativos na difusão das idéias escolanovistas, recorreram à publicação da **Revista do Ensino**, à realização de semanas pedagógicas e ao intercâmbio de professores, inspetores, diretores de grupos escolares com profissionais de outros Estados, principalmente o de Pernambuco, que, segundo Batista de Melo, há alguns anos, “[podia] orgulhar-se de ser o estado que melhor organização escolar [possuía] no norte do Brasil”. (PINHEIRO, 2001. p.167).

esse tipo de catalogo é o novo sistema informático que estamos prestes a estrear, tendo intuito de facilitar o conhecimento da comunidade acadêmica sobre o trabalho que estamos desenvolvendo.

No quadro abaixo se encontra o catalogo de dissertações que tratam sobre História da Educação na temporalidade que trabalhamos.

Títulos (dissertações)	Autores	Ano e local
O Collégio de Educandos Artífices – 1865-1874: a infância desvalida da Parahyba do Norte	Guaraciane Mendonça de Lima	PPGH-UFPB, 2008
Filhas e Irmãs do Pe. Ibiapina: Educação e devoção na Paraíba (1860-1883)	Maria Célia Marinho do Nascimento	PPGH-UFPB, 2009
(DES)ALINHANDO ALGUNS FIOS DA MODERNIDADE PEDAGÓGICA: um estudo sobre as práticas discursivas em torno da educação infantil em Campina Grande - PB (1919-1945)	Paloma Porto Silva	PPGH-UFPB, 2010
Civilizando os Filhos da “Rainha”, Campina Grande: Modernização, Urbanização e Grupos Escolares (1935-1945).	Maria Raquel Silva	PPGH-UFPB, 2011
Instrução, Disciplina e Civilização: Uma Perspectiva de Leitura Acerca das Aulas Públicas e Particulares na Parahyba Do Norte (1860-1889)	Itacyara Viana Miranda	PPGH-UFPB, 2012

Entre A História e a Memória: Adélia de França uma Professora Negra na Paraíba do Século XX (1926 – 1976)	Simone Joaquim Cavalcante	PPGH-UFPB, 2012
A Presença da Mulher na Imprensa Paraibana: Questões Políticas e Educacionais - 1921/1934	Verônica de Lourdes Batista De Oliveira	PPGE-UFPB, 2005
“Signal dos tempos”: Modernidade, Secularização e Laicização na Instrução Pública da Parahyba do Norte (1867-1902).	Ramsés Nunes e Silva	PPGE-UFPB, 2006
A Eva do século XX: Analice Caldas e outras educadoras – 1891/1945	Favianni da Silva	PPGE-UFPB, 2007
Grupo Escolar Solon de Lucena: Um Novo Modelo de Escolarização Primária Para a Cidade de Campina Grande-PB (1924-1937)	Vívia de Melo Silva	PPGE-UFPB, 2009

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Vivian Galdino de. A compreensão de uma 'modernidade pedagógica' através do Instituto Pedagógico Campinense (1919-1950). In: IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS "HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL. 2012, Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa — Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5.

ARANHA, Gervácio Batista. *Trem e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas (1880-1925)*. 1ª. ed. Campina Grande - PB: Editora da Universidade Federal de Campina Grande, 2006. v. 500. 257p .

BRASIL, Elson da Silva Pereira. "Urge libertarmos a mulher": memórias e escritos femininos na Paraíba 1920-1930. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: desafios atuais do feminismo. 2013, Florianópolis-SC.

_____. Das Páginas de Periódicos: Memórias e escritos femininos na Paraíba 1931-1932. IN: IV Seminário Nacional Gênero e práticas culturais subjetividades e contradiscursos, 2013, João Pessoa-PB.

_____. O currículo das escolas normais no estado da Paraíba nos anos de 1920 e 1930. In: III Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades. 2013, Caicó-RN.

_____. Polindo espíritos, formando professoras: a feminização do magistério em Campina Grande-PB (1929-1932). IN: XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento Histórico e diálogo social, 2013, Natal-RN.

CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinense*. Campina Grande: Ed. Caravela, 1988.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*: 1. Artes de fazer / Michel de Certeau; 17. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COSTA JÚNIOR, José dos Santos. NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes do. FABRICANDO UM SUJEITO: O "MENOR" COMO SÍMBOLO DE UMA INFÂNCIA DELINQUENTE NO COMEÇO DO SÉCULO XX. III COLÓQUIO NACIONAL HISTÓRIA CULTURAL E SENSIBILIDADES no Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES/UFRN, Caicó/RN de 21 de novembro de 2013.

COSTA JÚNIOR, J. S.; SILVA, L. F. Orar e controlar: a disciplinarização da infância pela catequese (1550-1568). In: I Simpósio Regional Nordeste da Associação Brasileira de História das Religiões: Religião, a Herança das Crenças e as Diversidades de Crer, Campina Grande. Anais, 2013.

COSTA JÚNIOR, J. S.; NASCIMENTO, R. C. G. A infância como 'enigma' e como 'milagre': uma atividade de desvendamento com Hannah Arendt e Jorge Larrosa. In. III Semana de Filosofia da Universidade Federal de Campina Grande. 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

COSTA JÚNIOR, J. S. A identidade do "menor": a construção discursiva de uma "criança-problema" no começo do século XX. In. VI Semana de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba. 2013.

COSTA, A. P.; NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes do. A DEFESA DA ESCOLA "LEIGA" PELO INSTITUTO PEDAGÓGICO CAMPINENSE (1919-1932). III COLÓQUIO NACIONAL HISTÓRIA CULTURAL E SENSIBILIDADES no Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES/UFRN, Caicó/RN de 21 de novembro de 2013.

DINOÁ, Ronaldo. Memórias de Campina Grande. 2º volume, 1993.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 38. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____, *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edição Graal, 1979.

_____, A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970 / Michel Foucault; Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

FRANCA, Leonel. *Ensino religioso e ensino leigo*. Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1931.

GAUDÊNCIO, B. R. A. Imagens Literárias da Educação em Campina Grande (1907-1957). In. [Revista Eletrônica Publicada pela EDUEP - UEPB](http://eduep.uepb.edu.br/alpharrabios/v2-n1/v2n1.html). V. 02, Nº 01, 2008. <http://eduep.uepb.edu.br/alpharrabios/v2-n1/v2n1.html> acesso. In 14/03/2011.

GÓIS JUNIOR, E. *Os higienistas e a Educação Física: a história de seus ideais*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000.

_____. Movimento Higienista e o Processo Civilizador: Apontamentos Metodológicos. In: *X Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2007*, Campinas. Anais do X Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2007.

JERONIMO, R. A.; BRASIL, E.S.P.; DE MARIA, Gláucia S. 1859: 'Uma Nova Phase da Educação Moral Intellectual do Sexo Feminino' na Paraíba. 2013.

JERONIMO, R. A. Esta é a Terra de Clementino Procópio: Lembranças e Narrativas Referentes à Trajetória do Decano da Educação Campinense. 2013.

_____. Revistando a educação feminina em Campina Grande- PB na década de 1930. 2013.

LAMARÃO, Julieta Botafogo. Um Resgate Historiográfico da Condição Educacional Feminina do Brasil Colônia ao Final da primeira República. Rio de Janeiro, UERJ, 2011.

LIMA, P. S. N. DIZERES E SABERES SOBRE INSTITUTO PEDAGÓGICO CAMPINENSE NA REVISTA EVOLUÇÃO (1919-1930). In: *II Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades, 2012, Caicó. II Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades*. Caicó: DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, 2012. v. 01. p. Anais-1257.

MATE, C. H. *Tempos Modernos na escola: os anos 30 e a racionalização da educação brasileira*. 1ª. ed. Bauru: EDUSC, 2002. v. 1. 180p .

MORAES, Antonio Pereira de. Vi, Ouvi, Senti- Crônicas da Vida Campinense e Outras Narrativas: Versinhos de Ontem e de Hoje. Campina Grande, 1985.

NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. *Disciplina e espaços: construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX*. Recife, 1997. Dissertação de Mestrado em História apresentado ao PPGH da UFPE.

NEVES, Fátima Maria & MEN, Lilliana. O Método Pedagógico de Lancaster e a Cultura Escolar. 2007.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. *Da Era das Cadeiras Isoladas à Era dos Grupos Escolares na Paraíba*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - UNICAMP, Campinas.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes**: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925). Campinas: São Paulo; Mercado de Letras: Fapesp, 2003.

SILVA, Paloma Porto. (DES) Alinhando Alguns Fios da Modernidade Pedagógica: um estudo sobre as práticas discursivas em torno da educação infantil em Campina Grande – PB (1919 – 1945). / Paloma Porto Silva. – João Pessoa: [s.n.] 2010.

SANTOS, A. NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes do. "POR UMA MODERNIDADE PEDAGÓGICA": A CRIAÇÃO DO INSTITUTO PEDAGÓGICO CAMPINENSE – 1919. III COLÓQUIO NACIONAL HISTÓRIA CULTURAL E SENSIBILIDADES – Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES/UFRN – Caicó/RN, 21 de novembro de 2013.

SANTOS,A. ; JERONIMO, R. A . Ensino 'Leigo' no Instituto Pedagógico Campinense 1919-1932.. In: / *Simpósio Regional Nordeste da Associação Brasileira de História das Religiões*, 2013, Campina Grande. *Religião, a Herança das Crenças e as Diversidades de Crer.*, 2013.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. *Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)*/ Azemar dos Santos Soares júnior.- - João Pessoa : [s.n.], 2011.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Imagens da Cidade: Letrados, políticas e memórias*. In:_____. *Cartografias e Imagens da cidade: Campina Grande – 1925-1945*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2001. p.245-318.

TERCEIRO NETO, Dorgival. *Paraíba de Ontem, Evocações de Hoje*. João Pessoa; Grafica Santa Marta, 1999.

Assinatura do Bolsista:

Assinatura do Orientador:

Local e Data: Campina Grande, PB. 08/ 09/2015